

DA MESMA AUTORA DO BESTSELLER MUNDIAL A TODOS OS RAPAZES QUE AMEI

# SEM TI NÃO HÁ VERÃO

LIVRO 2

JENNY HAN

UMA  
SÉRIE  
ORIGINAL

prime  




SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Álcool

Cancro

Luto e perda

Morte

Relações tóxicas

*J + S para sempre*



## CAPÍTULO 1

2 de julho

**E**ra um dia quente de verão em Cousins. Eu estava deitada ao pé da piscina com uma revista pousada em cima da cara. A minha mãe jogava solitário no apêndice da frente, a Susannah andava lá dentro às voltas na cozinha. Provavelmente, daí a nada iria aparecer cá fora com um copo de chá gelado e um livro que eu devia ler. Algo romântico.

O Conrad, o Jeremiah e o Steven tinham passado a manhã a surfar. Tinha havido um temporal na noite anterior. O Conrad e o Jeremiah foram os primeiros a regressar a casa. Ouvi-os antes de os ver. Subiram os degraus a gozar com o modo como o Steven tinha perdido os calções numa onda particularmente feroz. O Conrad aproximou-se de mim em passadas largas, levantou a revista transpirada do meu rosto e sorriu. Disse:

— Tens letras nas bochechas.

Semicerrei os olhos na direção dele.

— O que é que dizem?

Ele agachou-se ao meu lado e disse:

— Não percebo. Deixa-me ver. — E pôs-se a examinar a minha cara com a expressão séria típica do Conrad. Inclinou-se e beijou-me, com os lábios frios e salgados do mar.



Depois, o Jeremiah disse:

— Vocês precisam de arranjar um quarto.

Mas sei que ele estava a brincar. Piscou-me o olho ao aparecer vindo de trás, pegou no Conrad e atirou-o para a piscina.

— Anda daí, Belly! — gritou o Jeremiah, saltando para a água.

Portanto, é claro que também saltei. A água estava boa. Melhor do que boa. Como sempre, Cousins era o único lugar onde eu queria estar.



— Hello? Alguém ouviu alguma coisa do que eu disse?

Abri os olhos. A Taylor estava a estalar os dedos mesmo à frente da minha cara.

— Desculpa — disse eu. — O que dizias?

Eu não estava em Cousins. Eu e o Conrad não estávamos juntos e a Susannah tinha morrido. Nunca mais nada voltaria a ser igual. Já tinham passado — *Quantos dias tinham passado? Quantos dias exatamente?* — dois meses desde que a Susannah morrera e eu ainda não conseguia acreditar. Não conseguia convencer-me a acreditar. Quando morre uma pessoa que amamos, não parece real. É como se acontecesse a outra pessoa. É a vida de outra pessoa. Nunca fui boa com o abstrato. O que significa quando uma pessoa partiu mesmo de vez?

Às vezes fechava os olhos e repetia para mim mesma: *Não é verdade, não é verdade, isto não é verdade.* Não era a minha vida. Só que era a minha vida; era a minha vida agora. Depois.

Eu estava no pátio das traseiras da Marcy Yoo. Os rapazes estavam na brincadeira na piscina e, nós, as raparigas, estávamos estendidas nas toalhas de praia, alinhadas, em fila. Eu era amiga da Marcy, mas as outras — a Katie, a Evelyn e aquelas raparigas — eram mais amigas da Taylor.

A temperatura já atingira os 30° C e pouco passava do meio-dia. Ia ser um dia dos quentes. Estava deitada de barriga para baixo



e sentia o suor a acumular-se no fundo das costas. Começava a sentir-me com uma insolação. Ainda íamos no segundo dia de julho e eu já contava os dias até ao fim do verão.

— Eu *perguntei* o que ias vestir para a festa do Justin? — repetiu a Taylor. Encostara de tal maneira a toalha à minha que parecia que ocupávamos uma única toalha gigante.

— Não sei — respondi, virando a cabeça de maneira a ficarmos cara a cara.

Ela tinha gotículas de suor no nariz. A Taylor começa sempre por transpirar do nariz. E acrescentou:

— Vou usar aquele vestido de alças novo que comprei com a minha mãe no outlet.

Voltei a fechar os olhos. Estava de óculos escuros, pelo que ela não conseguia ver se eu tinha ou não os olhos abertos.

— Qual deles?

— Tu sabes, aquele às bolinhas que aperta à volta do pescoço. Eu mostrei-to, tipo, há dois dias. — A Taylor soltou um suspiro de impaciência.

— Oh, sim — respondi, apesar não me lembrar, e sei que a Taylor percebeu.

Tinha começado a dizer algo simpático sobre o vestido quando senti, de repente, algo gelado a colar-se na minha nuca. Soltei um guincho e ali estava o Cory Wheeler, agachado junto a mim, segurando uma lata de Coca-Cola a pingar, a rir-se a bandeiras despregadas.

Sentei-me e lancei-lhe um olhar fulminante, enxugando o pescoço. Estava tão farta daquele dia. Só queria ir para casa.

— Que *treta*, Cory!

Ele ainda se ria, o que me deixou mais enfurecida.

— Meu Deus, és tão infantil — disse-lhe.

— Mas tu parecias estar a ferver — protestou ele. — Estava a tentar refrescar-te.

Não lhe respondi, limitei-me a manter a mão na nuca. Senti o maxilar tenso e percebi que todas as outras raparigas estavam



a olhar para mim. Então, o sorriso pareceu desvanecer-se do rosto do Cory, e ele disse:

— Desculpa. Queres esta cola?

Abanei a cabeça, e ele encolheu os ombros e regressou à piscina. Espreitei e vi a Katie e a Evelyn com expressões tipo *qual é o problema dela*, e senti-me envergonhada. Ser má para o Cory era como ser má para um cachorrinho. Não fazia sentido. Demasiado tarde, tentei captar a atenção do Cory, mas ele não olhava para mim.

Falando baixinho, a Taylor disse:

— Foi só uma brincadeira, Belly.

Voltei a deitar-me na toalha, desta vez de barriga para cima. Inspirei fundo e expirei lentamente. A música do iPod da Marcy dava-me dores de cabeça. Tocava demasiado alto. E eu *estava* efetivamente com sede. Devia ter aceitado aquela Coca-Cola do Cory.

A Taylor debruçou-se sobre mim e puxou os meus óculos de sol para cima para poder ver os meus olhos. Olhou-me bem nos olhos.

— Estás chateada?

— Não, é só que está muito calor aqui. — Limpei o suor da testa com a parte de trás do braço.

— Não te chateies. O Cory, ao pé de ti, não consegue deixar de se comportar como um idiota. Ele gosta de ti.

— O Cory não gosta de mim — disse eu, desviando o olhar. Mas ele até gostava de mim, e eu sabia-o. Só desejava que não gostasse.

— Não interessa, ele só te vê a ti. Ainda acho que lhe devias dar uma hipótese. Dava para esquecer o tu-sabes-quem.

Desviei a cara e ela continuou:

— E que tal se eu te fizer uma trança francesa para a festa de logo à noite? Posso fazer a parte da frente e prendê-la de lado, como fiz da última vez.

— Está bem.

— O que vais levar vestido?



— Ainda não sei.

— Bem, vais ter de ir gira porque vai estar lá toda a gente — frisou a Taylor. — Eu apareço mais cedo e arranjamo-nos juntas.

Desde o 8.º ano que o Justin Ettelbrick dava umas festas de aniversário de arromba no dia 1 de julho. Por esta altura já eu estava em Cousins Beach, com a minha casa, a escola e os meus amigos a um milhão de quilómetros de distância. Nem por uma vez me importei de perder a festa, nem quando a Taylor me falou da máquina de algodão doce que os pais dele tinham alugado num ano, ou do fogo de artifício que lançavam sobre o lago à meia-noite.



Era o primeiro verão em que estaria em casa para a festa do Justin e era o primeiro verão em que não iria a Cousins. E isso incomodava-me. Sempre achei que passaria todos os verões da minha vida em Cousins. A casa de verão era o único lugar onde eu queria estar. Era o único lugar onde eu alguma vez quis estar.

— Não desististe da festa, pois não? — perguntou-me a Taylor.

— Eu disse-te que ia.

Ela franziu o sobrolho.

— Eu sei, mas... — A voz da Taylor soçobrou. — Esquece.

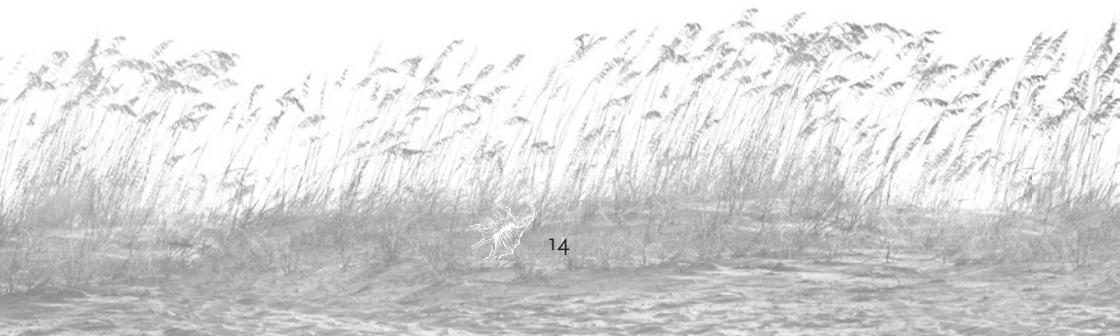
Eu sabia que a Taylor esperava que as coisas regressassem de novo ao normal, que fossem como eram antes. Mas nunca mais poderiam ser como antes. Eu nunca mais seria como era antes.

Eu acreditava. Costumava pensar que, se desejasse algo com muita força, tudo correria como deveria ser. O destino, como dissera a Susannah. Pedi o Conrad como desejo a cada aniversário, a cada estrela cadente, a cada pestana perdida, cada moeda numa fonte era dedicada àquele que eu amava. Pensei que sempre seria assim.

A Taylor queria que eu esquecesse o Conrad, que simplesmente o apagasse da minha mente e da minha memória. Ela estava sempre a dizer coisas como, «Toda a gente tem de ultrapassar o primeiro amor, é um ritual de iniciação». Mas o Conrad não era o meu primeiro amor. Não era um ritual de iniciação. Era muito



mais do que isso. Ele, o Jeremiah e a Susannah eram a minha família. Na minha memória, eles os três estariam sempre interligados, sempre unidos. Não poderia haver um sem os outros. Se esquecesse o Conrad, se o arrancasse do meu coração e fingisse que ele nunca lá tinha estado, seria como fazer o mesmo à Susannah. E isso, eu não podia fazer.





## CAPÍTULO 2

Por norma, assim que as aulas acabavam, em junho, enfiávamo-nos no carro e partíamos de imediato para Cousins. A minha mãe ia ao Costco na véspera e comprava garrações de sumo de maçã e caixas de tamanho familiar de barras de granola, protetor solar e cereais integrais. Quando eu implorava por Lucky Charms ou Cap'n Crunch, a minha mãe dizia, «A Beck há de ter tantos cereais que até te vão apodrecer os dentes, não te preocupes». É claro que ela tinha razão. A Susannah — Beck para a minha mãe — adorava cereais para miúdos, tal como eu. Na casa de verão comíamos imensos cereais. Nem sequer se punha a hipótese de ficarem rançosos. Houve um verão em que os rapazes comeram cereais ao pequeno-almoço, almoço e jantar. O meu irmão Steven preferia Frosted Flakes, o Jeremiah Cap'n Crunch e o Conrad Corn Pops. O Jeremiah e o Conrad eram os rapazes da Beck e adoravam os seus cereais. Quanto a mim, comia tudo o que sobrava, com açúcar por cima.

Toda a vida fui para Cousins. Nunca perdemos um verão, nem uma única vez. Quase 17 anos em que brinquei à apanhada com os rapazes, a esperar e a desejar que chegasse o dia em que teria idade para fazer parte do grupo deles. O grupo dos rapazes do verão.



Finalmente consegui, e agora era demasiado tarde. Na última noite do verão passado, na piscina, dissemos que iríamos sempre regressar. É assustadora a facilidade com que se quebra uma promessa. Assim, sem mais nem menos.

Quando regresssei a casa no verão passado, esperei. Agosto deu lugar a setembro, as aulas começaram, e eu continuei à espera. Não era que eu e o Conrad tivéssemos feito quaisquer declarações. Não era como se ele fosse meu namorado. Simplesmente, beijámo-nos. Ele ia para a universidade, onde haveria um milhão de outras raparigas. Raparigas sem recolher obrigatório, raparigas no refeitório dele, todas mais inteligentes e giras do que eu, todas misteriosas e desconhecidas de uma forma que eu nunca poderia ser.

Eu pensava constantemente nele — no significado de tudo aquilo, o que significávamos um para o outro. Porque já não podíamos voltar atrás. Eu sabia que *eu* não podia. O que aconteceu entre nós — entre mim e o Conrad, entre mim e o Jeremiah — mudara tudo. E, assim, quando agosto se foi e setembro começou e o telefone não tocou, só tive de pensar no modo como ele me olhara naquela noite para perceber que ainda havia esperança. Sabia que não se tratara da minha imaginação. Não podia ter sido.

Segundo a minha mãe, o Conrad estava bem instalado no seu quarto na residência de estudantes, tinha um colega de quarto de Nova Jérсия, irritante, e a Susannah estava preocupada com a possibilidade de ele não comer o suficiente. A minha mãe contou-me estas coisas descontraidamente, de forma espontânea, para não me ferir o orgulho. Nunca a pressionei para obter mais informações. A verdade é que eu sabia que ele haveria de ligar. Eu *sabia*. Bastava-me esperar.

A chamada surgiu na segunda semana de setembro, três semanas decorridas desde a última vez que o vira. Eu estava a comer gelado de morango na sala de estar e lutava com o Steven por causa do telecomando. Era uma noite de segunda-feira, 21 horas, hora a que víamos os programas de maior audiência na televisão.



O telefone tocou e nem eu nem o Steven nos mexemos para ir atender. Quem se levantasse perderia a batalha pela televisão.

A minha mãe atendeu no escritório dela. Trouxe o telefone para a sala de estar e disse:

— É para ti, Belly. É o Conrad. — E piscou o olho.

Fiquei completamente à nora. Ouvia o mar, a torrente, o rugido nos meus tímpanos. Eu esperara, e aquela era a minha recompensa! Ter razão, ser paciente, nunca me soube tão bem.

Foi o Steven que me despertou do meu devaneio. Franzindo o sobrolho, disse:

— Porque é que o Conrad haveria de *te* ligar?

Ignorei-o e arranquei o telefone das mãos da minha mãe. Afastei-me do Steven, do telecomando, da minha taça onde derretia o gelado. Nada daquilo interessava.

Antes de dizer alguma coisa, fiz o Conrad esperar até eu chegar às escadas. Sentei-me nos degraus e disse:

— Olá.

Tentei não sorrir; sabia que ele perceberia pelo telefone.

— Olá — disse ele. — O que se passa?

— Nada de especial.

— Então, adivinha lá — disse ele. — O meu colega de quarto ressona ainda mais alto do que tu.

Voltou a ligar na noite seguinte, e na noite depois dessa. Conversámos ao longo de horas de cada vez. De início, deixou o Steven baralhado quando o telefone tocava e era para mim e não para ele.

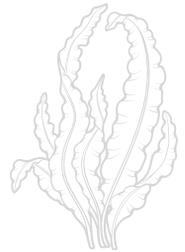
— Porque é que o Conrad está sempre a ligar-te? — quisera ele saber.

— O que é que achas? Ele gosta de mim. Gostamos um do outro.

O Steven quase se engasgou.

— Ele perdeu o juízo — disse, abanando a cabeça.

— É impossível que o Conrad Fisher goste de mim? — perguntei-lhe, cruzando os braços, numa postura desafiadora.



Ele nem teve de pensar na resposta.

— É — disse. — É completamente impossível.

E, sinceramente, era.

Era como um sonho. Irreal. Depois de tanto desespero, anseio e desejo, anos e anos, verões inteiros, *ele ligava-me*. Gostava de conversar comigo. Fazia-o rir quando ele não queria. Compreendia o que ele estava a passar, porque eu também estava, mais ou menos, a passar pelo mesmo. Havia poucas pessoas no mundo que amavam a Susannah tal como nós. Achei que seria o suficiente.

Tornámo-nos algo. Algo que nunca foi exatamente definido, mas era algo.

Umás quantas vezes conduziu três horas e meia desde a escola até à minha casa. Certa vez teve de passar a noite connosco porque era tão tarde que a minha mãe não quis que ele conduzisse de volta à residência de estudantes. O Conrad ficou no quarto de hóspedes e eu fiquei horas acordada na minha cama, a pensar que ele estava a dormir a apenas uns metros de mim, precisamente em minha casa.

Se o Steve não tivesse andado colado a nós como uma espécie de doença, sei que o Conrad pelo menos teria tentado beijar-me. Mas, com o meu irmão por perto, era praticamente impossível. Eu e o Conrad íamos ver televisão e o Steven punha-se logo no meio de nós. Falava ao Conrad sobre coisas que eu desconhecia ou que não me interessavam, como futebol americano. Uma vez, depois do jantar, perguntei ao Conrad se ele queria ir ao Brusters buscar gelado cremoso e o Steve meteu-se logo e disse «Boa ideia.» Lancei-lhe um olhar fulminante, mas ele limitou-se a sorrir-me. E, depois, o Conrad pegou-me na mão, mesmo à frente do Steven, e disse: «Vamos todos.» E lá fomos todos, incluindo a minha mãe. Eu não queria acreditar que tinha encontros com a minha mãe e o meu irmão no banco de trás.

Mas, a sério, isso só tornou aquela noite fantástica de dezembro na mais doce de todas. Eu e o Conrad regressámos a Cousins, só



nós os dois. As noites perfeitas são raras, mas aquela foi. Perfeita, quero eu dizer. Foi o tipo de noite pela qual valia a pena esperar.

Ainda bem que tivemos aquela noite.

Porque, em maio, já tudo tinha acabado.



*Sempre achei que passaria ali todos os verões da minha vida. A casa de verão era o único lugar onde eu queria estar, o único lugar onde eu alguma vez quis estar.*



Pela primeira vez, Belly não vai passar o verão na casa de praia com Conrad e Jeremiah. A sua melhor amiga tem outros planos para as férias: festas em barcos, bronzeados à beira da piscina e conhecer rapazes.

Mas quando Belly recebe um telefonema de Jeremiah, que lhe conta que Conrad desapareceu, todos os caminhos vão dar à casa de praia.

**Será que Belly vai passar mais um verão atrás de Conrad, ou vai finalmente deixá-lo partir?**

Fotografia de capa © 2023 Amazon Content Services LLC



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)  
[@secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)  
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN 9789895830169



9 789895 830169 >

